

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

## **CAPITAL INDUSTRIAL: VALOR QUE SE VALORIZA**

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária da Disciplina CNM – 5420 – Monografia.

Acadêmico: Julio Nicastro Filho

Professor Orientador: Idaleto Malvezzi Aued

Área de Concentração: Economia Marxista

Palavras-Chaves: 1 - Capital-Dinheiro

2 – Capital Produtivo

3 – Capital-Mercadoria

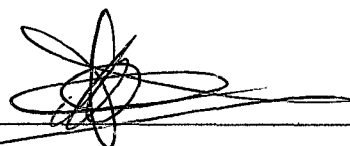
4 – Ciclo de Produção Capitalista

Florianópolis, maio 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

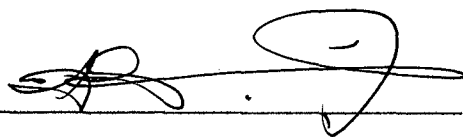
A Banca examinadora resolveu atribuir a nota 7,0 (sete) ao aluno Julio Nicastro Filho na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho

Banca Examinadora:



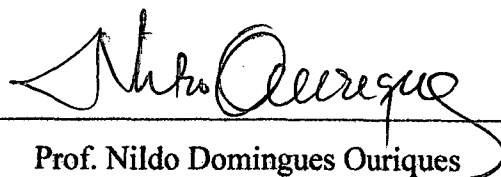
Prof. Idaleto Malvezzi Aued

Presidente



Prof. Jesiel de Marco Gomes

Membro



Prof. Nildo Domingues Ouriques

Membro

## **Agradecimentos**

A todos os professores que me deram a oportunidade de assistir as aulas, que muito me ajudaram a desvendar os labirintos desta complexa disciplina apaixonante. Em especial aos professores Idaletto, Nildo, Jesiel, Pedrinho, Wagner, Hoyedo, que em alguns momentos chegaram a compartilhar profundamente de minha vida, sendo fonte de ilimitada inspiração.

Ao meus queridos companheiros de curso, que me instigaram a procurar o caminho do conhecimento. O apoio desta rapaziada nos momentos mais delicados da minha vida foi fator imprescindível para que ora possa concluir o curso. Ivan, Marcio, Samya, Sandro e Wolney, minha gratidão nunca será o suficiente para fazer frente a generosidade com a qual fui brindado.

A minha doce esposa Cidinha, pela paciência em aturar o mau humor latente, sempre me incentivando e cuidando para que o meu dia a dia fosse mais ameno.

Aos meus doces filhos, Arthur José e Amanda Carolina na esperança de que usufruam de um mundo menos selvagem e mais justo.

Finalmente ao amigo e prefeito de Guarulhos, Elói, que com sua generosidade, confiou no meu trabalho e me incentivou a retornar à minha cidade. Seu conhecimento tem sido fonte inesgotável de aprendizado.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste meu sonho.

“O reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado por necessidade e por utilidade exteriormente imposta; por natureza situa-se além da esfera da produção propriamente dita. O selvagem tem de lutar com a natureza para satisfazer as necessidades, para manter e reproduzir a vida e o mesmo tem de fazer o civilizado, sejam quais forem a forma de sociedade e o modo de produção. Acresce, desenvolvendo-se, o reino do imprescindível. É que aumentam as necessidades, mas, ao mesmo tempo, ampliam-se as forças produtivas para satisfazê-las. A liberdade neste domínio só pode consistir nisto: o homem social, os produtores associados regulam racionalmente o intercâmbio material com a natureza, controlam-no coletivamente, sem deixar que ele seja a força cega que os domina: efetuam-no com menor dispêndio de energias e nas condições mais adequadas e mais condignas com a natureza humana. Mas esse esforço situar-se-á no reino da necessidade. Além dele começa o desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer tendo por base o reino da necessidade. É a condição fundamental desse desenvolvimento humano a redução da jornada de trabalho.”

(Karl Marx – “O Capital”, livro 3, Vol. 6, p. 942)

## Sumário

1 – Introdução	01
2 – O Ciclo do Capital-Dinheiro	04
3 – O Ciclo do Capital Produtivo	19
4 – O Ciclo do Capital-Mercadoria	25
5 – As Três Figuras do Processo Cíclico	27
6 – Conclusões	30
7 – Referências Bibliográficas	32

## 1 - Introdução

O objetivo do presente trabalho é estudar como se forma e se reproduz o capital industrial. Ao pesquisar o processo cíclico que o capital assume, como capital-dinheiro, capital produtivo e capital-mercadoria, é possível compreender o fenômeno da valorização do capital industrial e a sua reprodução ampliada.

Os quatro primeiros capítulos do livro 2, de “O Capital”, de Karl Marx, são as principais referências para que se entenda o processo cíclico de valorização do capital. Marx explica-nos que: (...) “*o capital industrial é o único modo de existência do capital em que este tem por função não só apropriar-se da mais-valia ou do produto excedente, mas também de criá-la.*” (MARX: 1980, 56). O produto da produção capitalista é o capital. Valor que se valoriza.

O desenvolvimento histórico cria as condições materiais, organizacionais e sociais para que o capital, em sua forma industrial, se torne a força produtiva hegemônica da humanidade.

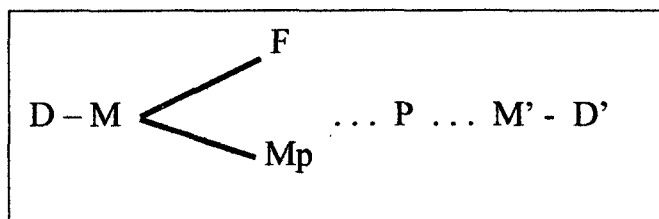
Deste modo, o capital industrial produz e reproduz as relações sociais necessárias para o próprio desenvolvimento. Quando busca incessantemente valorizar-se, ele tem como resultado uma sociedade na qual é infinita a quantidade de mercadorias existentes, ao mesmo tempo em que promove o crescimento da massa de trabalhadores assalariados. De forma geral, podemos admitir que o desenvolvimento do modo de produção capitalista leva a humanidade a se dividir entre possuidores e não possuidores de meios de produção.

Como consequência disso, todas as formas pré-capitalistas de capital são progressivamente alteradas, modificam suas funções, assumem um papel coadjuvante e subordinam-se definitivamente ao desenvolvimento do capital industrial.

A separação da força de trabalho dos meios de subsistência e o apartamento dos meios de produção próprios trazem, como consequência, a redução da força de trabalho à mera mercadoria, que pode assim se vender livremente ao capitalista.

Satisfeitas estas premissas, o capital industrial está pronto para se valorizar e, para tanto, ingressa no processo produtivo. Para realizar esta tarefa, ele deverá assumir o formato de capital-dinheiro, capital produtivo e capital-mercadoria.

Marx propõe como ciclo do capital industrial o seguinte esquema<sup>1</sup>:



A mercadoria e o dinheiro, partes integrantes dos estágios anteriores do desenvolvimento da sociedade burguesa, assumem, no modo de produção capitalista, a forma elementar do produto e resultam do processo capitalista de produção.

O capitalista compra mercadorias e, consumindo-as produtivamente com a maior rapidez possível, materializa-as em uma nova mercadoria com a mais-valia embutida, com valor não pago à força de trabalho. Em última análise a mercadoria no modo de produção capitalista existe como expressão do valor-capital.

O dinheiro somente assume o papel de capital-dinheiro quando entra no ciclo de produção do capital industrial. Neste caso, ele passa a ter a expressão monetária do valor do capital. Para tanto, a moeda deve estar em condições de comprar mercadorias, as quais possam entrar no processo de produção capitalista e assumir o papel de capital produtivo e, ainda, ao sair do processo produtivo como nova mercadoria, terá incorporado mais-valia para novamente assumir a característica de capital-dinheiro. Neste caso, terá valor maior do que possuía no início do processo cíclico.

O capital industrial, de fato, valoriza-se na produção ao assumir a forma de capital produtivo. O trabalho obtido através da interação da força de trabalho com os meios de produção é materializado como produto em uma nova mercadoria de valor superior ao capital adiantado originalmente. A explicação deste fenómeno é dada por Marx da seguinte maneira:

O capital-dinheiro se transforma em elementos materiais quando o capitalista adquire força de trabalho e meios de produção. Para a força de trabalho, o capitalista paga em forma de salários um determinado montante de valor-capital. Assim, a força de trabalho imediatamente entra no processo produtivo, movimenta os meios de

<sup>1</sup> Onde D = capital-dinheiro, M = mercadoria, F = força de trabalho, Mp = Meios de produção, ... P ... = capital produtivo sendo consumido produtivamente, M' = capital-mercadoria + mais-valia, D' = Capital-

produção e esta associação se transforma em trabalho. Como produto do trabalho, é incorporado valor à nova mercadoria produzida. O segredo está em que, na nova mercadoria produzida, o salário pago pelo capitalista equivale apenas a uma fração do valor acrescido. Deste modo, o capitalista se apropria gratuitamente de parte do trabalho realizado e materializado no produto.

O capital industrial pode então crescer, enquanto a força de trabalho transfere continuamente ao capitalista mais-valia, que é a parte do valor total do trabalho não pago.

O capital industrial assume três formas distintas que se sobrepõem e interligam no tempo e no espaço o capital-dinheiro, o capital produtivo e o capital-mercadoria.

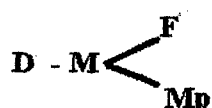


## 2 - O Ciclo do Capital-Dinheiro

Ao iniciar o estudo sobre o ciclo do capital-dinheiro, Karl Marx, no Capítulo I, do Livro 2, de “O Capital” ensina que são necessários três estádios obrigatórios a serem assumidos pelo capital industrial, antes que se possa obter como resultado capital acrescido de mais-valia, na forma dinheiro e se transformando em capital-dinheiro. (MARX, 1980: 27)

No primeiro estádio, o capitalista assume o papel de comprador de mercadorias. Transforma dinheiro em mercadoria (D - M). Ao realizar essa circulação, ao mesmo tempo em que o capitalista comprador troca dinheiro por mercadorias, os vendedores estão efetuando a ação contrária, ou seja, transformando mercadoria em dinheiro (M - D). (MARX, 1980: 28)

Olhando cuidadosamente, percebemos dois tipos de vendedores com qualidades distintas. O primeiro vende meios de produção e pertence ao mercado de mercadorias. O segundo vende força de trabalho e é integrante do mercado de trabalho. Tem-se assim a seguinte configuração proposta por Marx<sup>2</sup>:



Ocorre que a diferenciação dos vendedores de mercadorias não está limitada aos aspectos qualitativos. A proporção das quantidades demandadas de força de trabalho e meios de produção traveste-se de importância vital. (MARX, 1980: 29)

Ao comprar força de trabalho, o capitalista obtém o direito de utilizá-la por um determinado período de tempo. Parte do tempo utilizado no processo de trabalho cobre o valor ou o preço pago pelo capitalista em forma de salário. No restante do período, a força de trabalho cria excedentes que serão apropriados pelo capitalista comprador. Assim sendo, é obrigatório que este seja capaz de determinar com precisão a quantidade de meios de produção consumidos durante a jornada de trabalho, sem o que “*não se poderá*

<sup>2</sup> Onde D = capital-dinheiro, M = capital-mercadoria, F = força de trabalho, Mp = Meios de produção.

*empregar o trabalho excedente de que dispõe”* (MARX, 1980: 30). Deste modo, o capitalista comprador não poderá se apropriar do produto excedente.

Satisfeita esta relação de quantidades demandadas de força de trabalho e meios de produção, o capitalista comprador passa a dispor dos elementos que permitem a criação de valores superiores aos que concorreram para sua produção. Ele assume então a forma de capital produtivo, estando, portanto, a partir deste instante, em condições de produzir mais-valia. (MARX, 1980: 30)

A transmutação do capital-dinheiro em capital produtivo é o estágio obrigatório em que o dinheiro é o primeiro representante do valor-capital. Ao assumir esta forma, o capital-dinheiro se transveste em meios de produção e a força de trabalho passa a ser, assim, o capital adiantado. Desta forma, o capital adiantado assume a função de dinheiro, como meio geral de compra, ao adquirir meio de produção, ou ainda, como meio de pagamento ao comprar força de trabalho ou ao encomendar mercadorias a serem produzidas. (MARX, 1980: 31)

Enquanto este processo ocorre, o valor-capital, cristalizado nesta fase como dinheiro, exerce apenas o papel de dinheiro como elemento catalizador entre os estágios do movimento do capital.

Ao receber dinheiro como forma de salário, o vendedor da força de trabalho adquire paulatinamente artigos de consumo que satisfaçam as suas necessidades. Portanto, a função do dinheiro neste caso é de transitoriamente transformar mercadoria em outra mercadoria, ou seja, a força de trabalho em artigos de consumo.

De outra parte, para que o valor adiantado na forma de dinheiro se transforme novamente em capital, é essencial a produção de mais-valia a partir da interação dos meios de produção com a força de trabalho. (MARX, 1980: 32)

Por si só, a transformação do dinheiro em força de trabalho não é a característica do modo de produção capitalista. O salário resultante da compra de força de trabalho em que se estipula uma quantidade excedente de trabalho acima do preço que é pago para repô-la, apenas expressa a forma monetária do processo. O que de fato caracteriza o modo de produção capitalista é a capacidade de capitalizar o valor adiantado pelo trabalho excedente e a produção da mais-valia. (MARX, 1980: 32)

Antes do advento do modo de produção capitalista, o dinheiro aparecia como comprador dos serviços, sem que, por conseguinte, se transformasse em capital-

dinheiro. O dinheiro é apenas a forma equivalente geral de todas as mercadorias. Ao serem trocadas por dinheiro, elas expressam valores-de-uso para seus possuidores. Assim sendo, o possuidor da força de trabalho, ao dirigir-se ao mercado para vendê-la e obter assim um salário, possui uma mercadoria, que em nada se diferencia das outras mercadorias existentes. O diferencial e fator preponderante que caracteriza o modo de produção capitalista é o de que a mercadoria força de trabalho possa ser comprável como qualquer outra mercadoria. (MARX, 1980: 33)

Ao adquirir no mercado os meios de produção e força de trabalho e transformando o capital-dinheiro em capital produtivo, o capitalista obtém os fatores materiais e pessoais para produção, desde que na forma de mercadorias. Assim, O capitalista terá adquirido previamente edifícios, maquinários e insumos antes de comprar força de trabalho.

Para o trabalhador, é fundamental que sua força de trabalho, antes de ser vendida, esteja dissociada dos meios de produção. Tão logo seja vendida, ela deverá entrar em combinação com os meios de produção e ser parte integrante do capital produtivo. (MARX, 1980: 34)

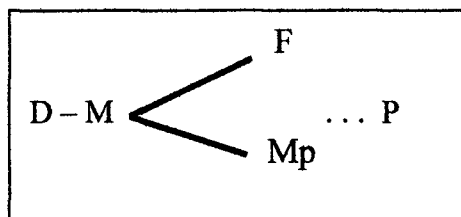
Ainda que, os possuidores de capital-dinheiro e força de trabalho se comportem como compradores e vendedores ao se confrontarem no mercado, existe entre eles uma relação muito mais profunda que apenas monetária. Existe a relação entre possuidores e não possuidores de meios de produção. O possuidor dos meios de produção está em plena condição de consumir produtivamente a mercadoria força de trabalho. Por outro lado, o possuidor de força de trabalho está “livre” para vender sua força de trabalho, que imediatamente irá se integrar como propriedade produtiva de outro. Aqui se estabelece a diferenciação das classes entre capitalista e assalariado. (MARX, 1980: 34)

Não é o dinheiro, como função monetária, que determina a natureza do modo de produção capitalista. O pressuposto é a existência da relação entre possuidores e não possuidores de meios de produção que transmuta uma simples operação monetária em complexa relação de capital. (MARX, 1980: 35)

A separação entre os meios de produção e de subsistência dos homens em relação à sua força de trabalho obedeceu a fatores históricos. Ao se estabelecer a produção capitalista, o seu desenvolvimento exige a reprodução e ampliação dessa dissolução. A

produção capitalista não apenas produz mercadorias e mais-valia. Ela amplia e reproduz a classe dos assalariados apartando-os dos meios de produção. (MARX, 1980: 36 - 37)

Ao assumir a forma de capital produtivo, o capital cessa de circular, assume sua forma natural em que se destina para o consumo produtivo. Este movimento configura-se como:



Ao consumir produtivamente os meios de produção e a força de trabalho, o dono do capital adiantado na forma de dinheiro espera a volta deste dinheiro adiantado com um acréscimo. O dinheiro só voltará as suas mãos mediante a venda das mercadorias produzidas. Sendo assim, o possuidor dos meios de produção é um produtor de mercadorias.

O assalariado sobrevive da venda da sua força de trabalho, e, para sua manutenção é necessário um consumo diário. O dinheiro é apenas um elemento de transição entre a venda da mercadoria força de trabalho e a compra de artigos de consumo, o qual permitirá a reprodução da própria força de trabalho. Cabe ao capitalista efetuar os pagamentos em um prazo que permita a reposição dessa força de trabalho. (MARX, 1980: 38). Paralelamente a isso, os assalariados precisam que exista a venda no mercado dos meios de subsistência necessários. Na medida em que o trabalho assalariado torna-se o meio geral de produção de mercadorias, a sua produção vai se sofisticando. Neste sentido, a circulação das mercadorias atinge um adiantado estágio que determinará uma maior divisão do trabalho social. Aprofunda-se, assim, a divisão entre possuidores e não possuidores de meios de produção. O capitalista, neste estágio mais adiantado do modo de produção capitalista, necessita de maior magnitude de capital-dinheiro para fazer frente aos dispêndios em dinheiro necessários para a compra de meios de produção e força de trabalho. Por outro lado, é cada vez mais flagrante a dissociação entre os trabalhadores assalariados e os meios de subsistência, os quais só podem ser consumidos a partir da venda da força de trabalho. (MARX, 1980: 39)

A condição fundamental para a produção capitalista é que a classe assalariada obriga toda sociedade a transitar para uma situação em que apenas exista o modo capitalista de produção de mercadorias. As velhas formas de produção são

progressivamente destruídas, principalmente as que se baseiam no trabalho próprio dos produtores. (...) *Começa generalizando a produção de mercadorias e em seguida transforma progressivamente em capitalista toda a produção de mercadorias.* (MARX, 1980: 39)

Todas as formas sociais de produção têm como fatores os trabalhadores e os meios de produção. A combinação destes fatores resulta na produção de mercadorias. A maneira em que se dá esta combinação é o que caracteriza os diferentes modos de produção conhecidos. No modo de produção capitalista, a dissociação entre estes fatores é ponto de partida para a produção de mercadorias. Neste caso, a produção de mercadorias passa a ser, ao mesmo tempo, a exploração da força de trabalho.

“Entretanto, só a produção capitalista de mercadorias se torna um modo de exploração que marca uma nova era e que em seu desenvolvimento histórico, através da organização do processo de trabalho e dos gigantescos progressos da técnica, revoluciona toda a estrutura econômica da sociedade e ultrapassa incomparavelmente todos os períodos anteriores.” (MARX, 1980: 40)

Os meios de produção e a força de trabalho, durante o processo de produção, por desempenharem papéis diversos para a formação do valor e portanto de mais-valia, distinguem-se como capital constante e capital variável respectivamente. Os meios de produção, mesmo quando estiverem fora do processo produtivo, continuam sendo considerados capital. Por outro lado, a força de trabalho só poderá ser considerada como capital a partir do momento em que estiver nas mãos do capitalista. Somente quando a força de trabalho for incorporada aos meios de produção é poderemos considerá-la como capital produtivo. (MARX, 1980: 40)

Durante o processo de produção, a associação dos meios de produção com a força de trabalho transforma-se em produtos de maior valor. Este valor acrescido é o resultado do trabalho excedente despendido gratuitamente pela força de trabalho, do qual se apropria o capitalista na forma da mercadoria produzida e que não lhe custa nenhum equivalente. O produto é uma mercadoria produzida com mais-valia. (MARX, 1980: 41)

Este valor-capital, acrescido de mais-valia e cristalizado como mercadoria com valor acrescido, torna-se capital-mercadoria. Esta é a forma necessária para que a mercadoria possa assumir a função de capital e assim realizar a mais-valia criada no processo de produção. Entretanto, existe uma grande diferença dentre as mercadorias que devem desempenhar o papel de capital, daquelas que são apenas mercadorias.

A mercadoria, para que seja capital, deve antes de tudo ter a capacidade de ser vendida, portanto transformada em dinheiro. Nesta mercadoria está embutido o dinheiro adiantado pelo capitalista em meios de produção e força de trabalho, além da mais-valia apropriada gratuitamente pelo capitalista. A distinção deste último estágio ( $M' - D'$ )<sup>3</sup> do anterior ( $D - M$ )<sup>4</sup>, se encontra no fato de o capitalista comprar e consumir os meios de produção e força de trabalho. Sob este aspecto estas mercadorias têm para o capitalista um valor-de-uso específico. Valor se valorizando. O Capital que está sendo acrescido de mais-valia. Já nesta última circulação, para que seja capital, tanto faz ao capitalista qual o tipo de mercadoria produzida. Não existe para ele nada além de valor-capital. (MARX, 1980: 42)

No modo de produção capitalista, portanto, o valor de uso da mercadoria é medido pelo valor de troca, sendo ao mesmo tempo a forma geral do produto. A própria força de trabalho se inclui como mercadoria e, para que possa ser trocada formalmente, deve estar apartada do modo de produção isolada e independente. (MARX, 1978: 99)

O processo de produção funde permanentemente o processo de trabalho ao processo de valorização, cuja unidade é a mercadoria. A produção em grande escala cria uma massa de mercadorias incalculável que determina uma singular peculiaridade social, na qual o valor de uso se transforma, para o possuidor de mercadorias, em algo completamente irrelevante.

O valor de troca produz a metamorfose da mercadoria ao ampliar e diversificar geometricamente as esferas de produção. Olhando-se mais atentamente, percebe-se que a mercadoria, como produto do capital, está objetivada numa soma total de trabalho realizado para produzi-la. Parte do trabalho inserido na mercadoria é pago em forma de salário, enquanto que a outra parte é apropriada pelo capitalista, sem nada dar em troca. (MARX, 1978: 101)

No processo não há lugar para mercadorias isoladas e produzidas de forma autônoma. A resultante disso é uma massa de mercadorias em que o que importa é o total de trabalho realizado para sua produção, cujo calculo médio é a melhor estimativa. O trabalho médio de milhares de indivíduos que concorreram à produção desta massa de mercadorias é a unidade de valor idealmente encontrado. (MARX, 1978: 102)

---

<sup>3</sup> D = Dinheiro, M = Mercadoria

<sup>4</sup> M' = Mercadoria valorizada, D' = Dinheiro valorizado

Materializado na mercadoria, encontra-se o capital adiantado acrescido da mais valia ( $M' = M + \mu^5$ ), diferentemente do início da produção em que apenas estava materializado o capital adiantado (M). Esta forma modificada do capital que se valorizou por si só deve agora seguir para o mercado onde, se todas as condições de venda forem preenchidas, o capital-mercadoria será novamente metamorfoseado em capital-dinheiro. (MARX, 1978: 102)

Dessa forma, a função de  $M'$  é a de converter-se em dinheiro. Mas, imagine-se que esta vocação não seja realizada. O capital-mercadoria não cumpre esta fase de circulação e se estagna no mercado. A velocidade com que o capital-mercadoria se transforma em capital dinheiro irá determinar o grau de criação de valor e a escala de reprodução do capital. Neste caso, o rendimento está intimamente ligado à potencialização do capital muito mais do que de sua magnitude. (MARX, 1980: 44)

A obrigatoriedade de realizar completamente a metamorfose  $M' - D'$  determina que a quantidade de mercadorias vendidas seja essencial para que a reprodução do capital seja satisfatória. No caso de o capitalista não conseguir vender a quantidade de mercadorias equivalente ao capital adiantado para constituição de M, haverá apenas a reposição do capital adiantado. Para obter mais-valia, dever-se-á obter a seguinte expressão  $(M + \mu) + (D + d)$ , em que d é a expressão de dinheiro de  $\mu$ . (MARX, 1980: 44)

O capitalista retira mercadorias no primeiro estágio da circulação  $D - M$ . No mercado, ele adquire meios de produção e força de trabalho para poder posteriormente produzir. No terceiro estágio, volta ao mercado com apenas um tipo de mercadoria e com valor acrescido  $M' - D' = \{(M + \mu) + (D + d)\}$ . Nota-se que o capitalista retira do mercado, no primeiro estágio da circulação, menos valor do que entrega no terceiro estágio. *“Lançou o valor de D e recebeu o equivalente a M; entrega  $M + \mu$  e recebe o equivalente a  $D + d$ .”* (MARX, 1980: 45)

Este fenômeno só é possível tendo em vista a exploração da força de trabalho, que cria a mais valia. Este valor excedente de trabalho não pago se expressa em produto excedente.

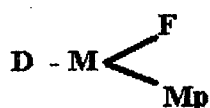
Na operação  $M' - D'$  encontram-se duas circulações diferentes. A primeira é caracterizada pela reposição do capital adiantado em  $D - M$ , que agora se realiza em  $M - D$ . A outra é expressa pela transformação da mais-valia  $\mu - d$ . Neste caso, esta será sua

---

<sup>5</sup> Atenção: Importante distinguir  $m =$  mais-valia de  $\mu =$  mais-valia sob a forma de mercadoria =  $\Delta M$

primeira circulação ou metamorfose e só poderá ser considerada completa quando realizar a circulação oposta, ou seja,  $d - \mu$  ao iniciar-se um novo círculo do capital.

Diferente de  $M - D$  em  $M' - D'$ , pois o capital-mercadoria retornou à forma inicial  $D$ , na qual pode iniciar novamente o processo cíclico. Para a mais-valia, é a



transformação da mercadoria em dinheiro; para o valor-capital, é o retorno à forma primitiva.

Na expressão acima, o capital-dinheiro transformou-se na soma de mercadorias  $F + Mp$ . Estas mercadorias passam a funcionar para o seu comprador, o capitalista, como capital produtivo. Ao entrar no processo de produção  $P$ , as mercadorias são consumidas produtivamente e, deste modo, se transformam em mercadorias materialmente diferentes em que o seu valor não só é conservado, mas acrescido. As mercadorias retiradas no primeiro estágio da circulação são substituídas por outras, que não só se diferenciam pelo aspecto material, mas principalmente pelo novo valor inserido. Assim sendo, estão prontas para serem vendidas e continuar o processo de circulação. (MARX, 1980: 46)

Ao reassumir novamente o valor-capital, a forma de dinheiro é a função do capital-mercadoria.

“A forma dinheiro desempenha aqui duplo papel; ela é a forma a que regride um valor originalmente adiantado em dinheiro, portanto, volta à forma de valor que iniciou o processo, e, ao mesmo tempo, é a primeira forma transmutada e um valor que penetrou originalmente na circulação sob a forma de mercadoria.” (MARX, 1980: 47)

O valor-capital e a mais-valia transformam-se em dinheiro, e assim estão na forma do equivalente geral. Este fato permite que o valor-capital volte a exercer a função de capital-dinheiro, reingresse na produção e novamente, adquirindo mercadorias, inicia-se um novo ciclo, que Marx chama de processo cíclico de capital-dinheiro, no qual a forma não tem alteração, enquanto a magnitude do valor adiantado se altera. (MARX, 1980: 47)

$D + d$  estão materializados em equivalente geral, ultrapassam o ciclo de capital-mercadoria. Como resultado, ao assumir a forma de capital-dinheiro,  $D$  e  $d$  adquirem a liberdade de poderem iniciar um novo ciclo juntos, parcialmente juntos, ou ainda, em ciclos completamente diversos.



D agora reaparece como capital realizado, como valor que gerou valor; não mais como dinheiro, mas como capital dinheiro. Distingui-se de  $d$ , seu acréscimo, como incremento por ele gerado.

Por ser o dinheiro o equivalente comum a todas as mercadorias, as diferenças de  $D$  e  $d$  não são perceptíveis. Desapareceram todas as diferenças entre as partes de capital existentes no processo de produção.

Ainda que se altere a magnitude de  $D$ , se obterá a mesma proporção de  $d =$  mais-valia, que pode ser expressa como fração da soma total. O capital surge como forma monetária do capital realizado no fim do processo.

O mesmo pode-se dizer de  $M'$  ( $M + \mu$ ), que são partes proporcionais da mesma massa homogênea de mercadorias. A diferença é que  $M'$  não expressa o capital despendido para adquirir  $P$ . Enquanto  $D'$  resulta da circulação, não tendo relação direta com  $P$ .

Quando  $D'$  passa a funcionar como capital-dinheiro, extingui-se a diferença conceitual existente entre a quantia principal e adicional. O ciclo do capital-dinheiro só pode começar como  $D$ , ou seja, "*nunca como expressão da relação de capital, mas apenas como forma de adiantamento do valor capital*". (MARX, 1980: 50)

O ciclo  $D \dots D'$  acontece de forma constante e repetida, o que ocasiona dois tipos de circulação. O de capital e de mais-valia e desempenham funções diversas quantitativa e qualitativamente. O primeiro é o capital adiantado e expressa a valorização e acumulação, enquanto  $D'$  significa o capital-dinheiro acrescido periodicamente, que deverá ser novamente capital adiantado.

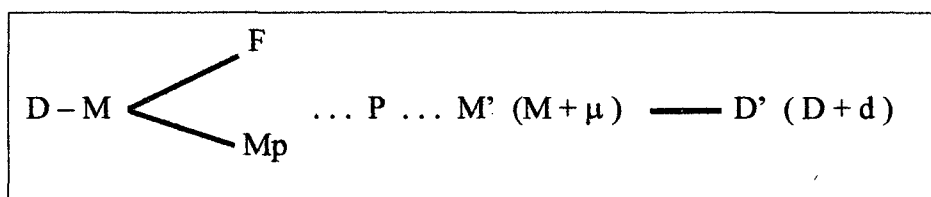
Ao circular como dinheiro e desempenhar função monetária, porque  $D$  pode transmutar-se em  $P$ ,  $F$  ou  $M_p$ , o capital adiantado também desempenha a função de capital-dinheiro, posto que estas mercadorias têm forma específica de uso.  $F$  e  $M_p$  serão consumidas produtivamente e transformadas em mercadorias de valor excedente, capital-mercadoria.

Quanto a  $D'$ ; é o resultado do ciclo executado, forma monetária do capital-dinheiro, ou seja, dinheiro. Ao ser o objetivo, o fim do processo de valorização do valor  $D'$  expressa a função e realização de  $M'$ , visto que  $d$  é forma dinheiro, ou melhor dizendo, monetária de  $\mu$ . Tanto  $M'$  quanto  $D'$  são formas do capital realizado acrescido de mais-valia. O valor-capital neles existente é expresso pela soma de dinheiro ( $D + d$ ) ou pelo

valor da mercadoria ( $M + \mu$ ). Portanto,  $M'$  e  $D'$ , como expressões do capital, são iguais; apenas a forma é diferente. Expressam a mesma coisa por serem capital acrescido de mais-valia e apenas são encontrados no processo de valorização do capital na forma de mercadoria e dinheiro. (MARX, 1980: 51-52)

Olhando-se globalmente o processo, o capital assume diferentes formas. É expresso como capital-dinheiro na forma dinheiro ( $D$ ) ao iniciar o processo de valorização. Posteriormente, assume a expressão de capital-produtivo na forma de força de trabalho ( $F$ ) e meios de produção ( $M_p$ ). A seguir, estas mercadorias são consumidas produtivamente (. . .  $P$  . . .), e assim se transformam em capital produtivo. No próximo estágio, é capital-mercadoria acrescido de mais-valia ( $M' = M + \mu$ ), na forma de mercadoria de valor acrescido. Finalmente, como objetivo de todo o processo, expressa capital-dinheiro realizando a mais-valia produzida ( $D + d$ ), assumindo assim novamente a forma de dinheiro (monetária) ampliado. (MARX, 1980: 53)

O ciclo do capital-dinheiro visto globalmente é o seguinte:



Duas das metamorfoses que o capital assume quando se transforma de capital-dinheiro para mercadoria ( $D - M$ ) e quando se transforma de capital-mercadoria acrescido de mais-valia em capital-dinheiro realizando a mais-valia ( $M' - D'$ ) pertencem à esfera da circulação das mercadorias.

Na esfera da circulação, o valor do capital permanece inalterado. Melhor explicando, as trocas,  $D - M$  e  $M' - D'$  são realizadas por magnitudes de capital completamente iguais. Portanto, na esfera da circulação, o capital não se valoriza.

O valor do capital apenas se valoriza quando deixa a esfera da circulação e adentra a esfera da produção (. . .  $P$  . . .) sendo expresso como capital produtivo. Nesta fase, é criada a mais-valia como materialização do trabalho excedente e não pago pelo capital. (MARX, 1980: 53)

Observe-se que os dois estádios cujo capital se encontra na esfera da circulação têm caráter formal para valorização do capital. Por outro lado, é na esfera da

produção que o capital cresce de magnitude. Ao assumir, ora uma função, ora outra, o capital cria a conexão necessária e obrigatória para explorar todos os ramos da produção e se configura como capital industrial.

”Capital-dinheiro, capital-mercadoria, capital produtivo designam aqui, portanto, não espécies autônomas de capital, cujas funções estejam ligadas ao conteúdo de ramos de atividade igualmente autônomos, e separados uns dos outros. Aqui designam apenas formas específicas de funcionamento do capital industrial, que as assume sucessivamente.” (MARX, 1980: 53-54)

Deste modo, o capital deve efetivar todos os movimentos que se sucedem no ciclo de valorização para realizar sua ampliação. Qualquer interrupção significa o congelamento e estagnação do processo de valorização.

Depreende-se que, em cada esfera do processo cíclico de valorização, o capital industrial deve gastar um certo tempo para sua maturação, credenciando-se, assim, para que se transforme e avance ao estágio seguinte.

O capital produtivo, que assume a forma de um prédio industrial, ou ainda de uma máquina, transfere lentamente seu valor para a próxima fase do ciclo de valorização. Uma pequena parcela do valor será materializada na mercadoria com valor excedente ( $M'$ ). Por outro lado, o capital produtivo, que assume a forma dos fios de algodão, transferirá rapidamente seu valor a outra fase do processo. Neste sentido, o capital produtivo formatado na mercadoria força de trabalho, ao se confrontar com os meios de produção, transferirá imediatamente o seu valor para o produto. Mesmo que este produto esteja em fase de maturação e ainda não possa se transformar em mercadoria com valor acrescido  $M'$ , o valor da força de trabalho estará materializado no processo de produção.

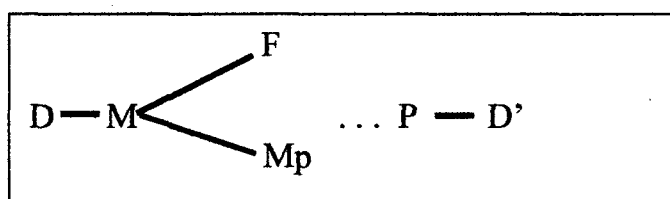
Na produção de vinho, o capital-dinheiro adquire várias mercadorias. Adquire o prédio, os tonéis de fermentação, as pás misturadoras, os trituradores da uva, enfim, uma série de meios de produção, além de adquirir também a força de trabalho necessária à produção. O capital-dinheiro se transforma então em mercadoria e está apto a avançar para a próxima metamorfose, travestido como capital produtivo. Os meios de produção adentram nesta fase em quantidades diversas. O prédio, os tonéis, as pás misturadoras, os trituradores, transferem pequenas partes do seu valor ao produto. Por outro lado, a uva contribui de imediato com grande parte do seu valor ao vinho que está sendo produzido. Mesmo que sejam necessários vários dias para transformação da uva em

vinho, o valor da força de trabalho utilizada no primeiro instante já se encontra completamente materializado no produto.

O resultado do processo de produção é o produto. No processo de produção em que o fio de algodão é meio de produção, temos como produto o tecido de algodão. Entretanto, existem ramos produtivos nos quais, aparentemente, não é produzido um produto ou mercadoria. Dos ramos produtivos que têm esta característica, destacam-se o de transporte e de comunicação.

A mudança de lugar das mercadorias é o produto da indústria de transporte. (...) *“Homens e mercadorias viajam com o meio de transporte, e seu deslocamento, seu movimento no espaço, é precisamente o processo de produção que ele realiza”* (MARX, 1980: 56). Como outra mercadoria qualquer, o valor desta é determinado pelo ciclo de valorização do capital. A diferença da indústria de transporte em relação aos outros ramos industriais consiste em que o capital-dinheiro adiantado em mercadoria passa a ser consumido produtivamente, ou seja, transporta a mercadoria de um local para outro e, ao chegar ao seu destino, materializa-se em produto, ou seja, em mercadoria acrescida de mais-valia.

A fórmula da indústria de transporte seria a seguinte:



O capital industrial determina o caráter capitalista da produção, a qual tem por função não apenas se apropriar da mais-valia produzida, como também de criá-la constantemente a cada novo ciclo.

A existência do capital industrial pressupõe a oposição entre a classe capitalista e a trabalhadora. A apropriação da produção social revoluciona a técnica, a organização do processo de trabalho e, progressivamente, vai se apoderando de várias formas de produção que a humanidade desenvolveu na sua história. Todas as formas produtivas anteriores, oriundas de condições sociais desaparecidas ou decadentes, se subordinam ao capital industrial que, altera as funções anteriormente desempenhadas, adapta-as ou as destrói conforme o seu interesse.

O capital-dinheiro e o capital-mercadoria que no passado exerceram formas autônomas de riqueza, no modo de produção capitalista funcionam como mero veículo de valorização do capital industrial, que impõe a divisão social do trabalho e hegemoniza toda a humanidade. (MARX, 1980: 57)

O movimento que o capital realiza efetua-se, em parte, na esfera de circulação; e outra parte, na esfera da produção. O capitalista é obrigado a utilizar este movimento para que o capital-dinheiro se transforme em capital-dinheiro acrescido de mais-valia ( $D \dots D'$ ). Por certo que o capitalista gostaria de se livrar das incertezas que existem no processo cíclico de valorização do capital. Entretanto, a valorização do capital só ocorre quando se transmuta em capital produtivo, expressão obrigatória do valor-capital. Mas, para que seja realizado como capital-dinheiro valorizado, é necessário caminhar pela esfera da circulação. O capital industrial é obrigado a transformar-se nas mercadorias, força de trabalho e meios de produção ( $D - M$ ) para que possa ressurgir como uma nova mercadoria de valor acrescentado ( $M'$ ). Se movimentar (quem?) por estas fases, é imprescindível antes de poder voltar a ser capital-dinheiro de maior valor ( $M' - D'$ ). (MARX, 1980: 58)

Para o trabalhador, a primeira fase da circulação se dá quando  $F - D$ , fase intermediária para seu consumo individual. De posse do dinheiro originado pela venda de sua força de trabalho ao capitalista, o trabalhador vai ao mercado para adquirir seus meios de subsistência ( $D - M$ ). Ao realizar este movimento e consumir os meios de subsistência, o trabalhador encontra-se novamente em condições de vender a sua força de trabalho ao capitalista, uma vez que a reproduziu. Ao mesmo tempo em que o trabalhador reproduz sua força de trabalho, o capitalista que a adquiriu está consumindo-a produtivamente.

Deste modo, o trabalhador fecha o ciclo; vende a força de trabalho e com o dinheiro adquire os meios de subsistência necessários à reprodução da força de trabalho, ou seja, a transformação em carne e sangue que é consumida produtivamente pelo capitalista. Portanto, o dinheiro oriundo da força de trabalho nunca se transforma em capital individual.

O capitalista está obrigado a realizar o seu capital-mercadoria acrescido de mais-valia, o qual assume a forma de mercadoria ( $M'$ ). A realização se processa quando a mercadoria de maior valor é trocada por dinheiro acrescido de quê?. Há então a metamorfose do capital-mercadoria acrescido de mais-valia em capital-dinheiro valorizado

(M' - D'), cujo objetivo do capital industrial é obter, no processo cíclico, a sua valorização. Logo, se há o movimento M' - D', ao mesmo tempo ocorre o seu oposto (D - M).

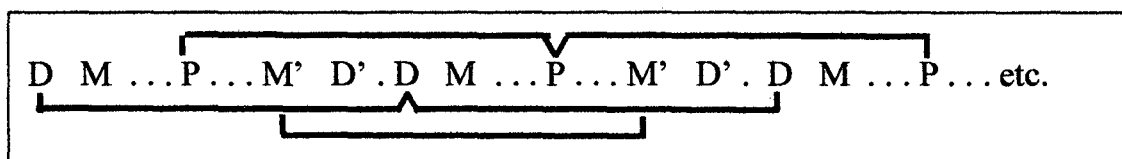
Note-se que aqui se têm dois tipos de mercadorias distintas. Aquelas que são vendidas ao capitalista para se transformarem no primeiro ciclo da produção e que serão consumidas produtivamente (D - M . . . P); e ainda as mercadorias de outro tipo, as quais serão vendidas aos trabalhadores, que serão consumidas para a sobrevivência e reprodução da sua força de trabalho (D - M - F). Este consumo se realiza fora do ciclo do capital individual em que M' é o produto.

“Os defensores do sistema mercantilista, fundado na fórmula D - M . . . P . . . M' - D', se derramam em longas prédicas sobre o imperativo de o capitalista individual não consumir mais do que o trabalhador, e sobre o dever de a nação capitalista deixar o consumo de suas mercadorias para as outras nações desassistidas, fazendo do consumo produtivo a razão de sua vida. Essas prédicas, pela forma e conteúdo, lembram muitas vezes exorta ascéticas análogas dos patriarcas da Igreja. (MARX, 1980: 60)

A circulação e produção são as unidades do processo cíclico do capital. O ciclo do capital dinheiro (D - M . . . P . . . M' - D') é a forma que melhor explica o ciclo do capital industrial. Fica claro que fazer dinheiro, expandir o valor e acumular é a melhor expressão da reprodução do capital industrial. Partida e chegada do capital industrial, o capital-dinheiro exerce a função de expressar a mais-valia criada.

Compra-se a força de trabalho em dinheiro adiantado na forma de salário necessário para a compra das mercadorias tão necessárias para a subsistência do trabalhador e reprodução da força de trabalho. Estes adiantamentos devem ser efetuados em prazos precisos para que, ao mesmo tempo, o trabalhador garanta a sua reprodução, sem que tenha a oportunidade de poupar recursos que o libere da venda da força de trabalho. Portanto, o ciclo de reprodução da força de trabalho é completamente independente do ciclo de valorização do capital industrial através da mais-valia.

Como resultado do processo cíclico de reprodução do capital, obtém-se a seguinte formulação:



A cada novo ciclo, a fase anterior é a preparação da posterior do capital produtivo, que se renova constantemente. O capital industrial é usado pela primeira vez

como capital-dinheiro, mas só é possível no modo de produção capitalista que, antes de tudo, pressupõe relações sociais determinadas, que são incessantemente reproduzidas. De um lado, o produto apropriado pelo capitalista, que se torna proprietário dos meios de produção; e de outro, trabalhadores assalariados, que adquirem meios de subsistência para se reproduzirem. Possuidores de meios de produção e não possuidores participam do processo de produção como função produtiva do capital industrial. É o valor que se valoriza.

### 3 - O Ciclo do Capital Produtivo

Para expressar o ciclo do capital produtivo, Karl Marx, no Capítulo II, do livro 2, de “O Capital”, determina que a fórmula geral é:

$$P \dots M' - D' - M \dots P^6$$

A função do capital industrial, em sua forma produtiva, é a reprodução constante da mais-valia. Esta função não se extingue a cada ciclo, ela se repete periodicamente, no momento em que o ponto de partida, no caso o capital produtivo, se refaz indefinidamente.

No capítulo anterior, em que o pressuposto era  $D \dots D'$ , viu-se que quando o capital assumia seu aspecto produtivo e entrava no processo de produção, havia a interrupção da circulação do capital-dinheiro. Portanto, o processo de produção era uma fase intermediária do movimento de circulação. Agora, a circulação torna-se apenas meio para a valorização contínua do capital.

Na circulação global do capital-dinheiro, não se determina o valor em  $D - M - D$ , enquanto que no estudo do ciclo do capital produtivo  $M - D - M$ , esse valor é determinado pela circulação simples das mercadorias.

O ponto de partida para a reprodução simples do capital-mercadoria, acrescido de mais-valia ( $M' = M + \mu = P + \mu$ ), ocorre quando o capital-mercadoria ultrapassa este estágio e se transforma em capital-dinheiro valorizado ( $M' - D'$ ).

Ao sair da primeira circulação, adentrar a segunda ( $D - M$ ) e novamente se transformar em capital-mercadoria, sem utilizar a parte valorizada do capital-dinheiro ( $d$ ), ter-se-á a reprodução simples do capital produtivo.

Para que haja reprodução ampliada, é exigido que, tanto o capital-dinheiro adiantado na circulação anterior ( $D$ ), como o capital-dinheiro valorizado ( $d$ ) sejam novamente transformados em mercadorias, desde que no segundo ciclo do processo de circulação do capital produtivo. (Marx: 1980, 66)

---

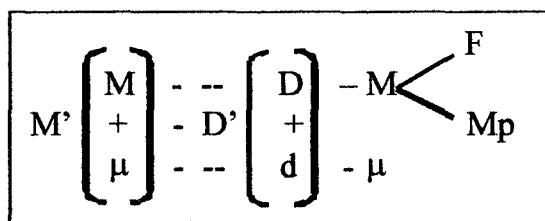
<sup>6</sup> Onde  $P$  = Capital produtivo,  $M'$  = Capital-mercadoria + mais-valia,  $D'$  = Capital-dinheiro valorizado,  $M$  = Capital-mercadoria.



Inicialmente, Marx analisa a reprodução simples do ciclo do capital produtivo. Neste caso, toda a mais-valia criada no processo produtivo irá se transformar em consumo pessoal do capitalista.

Considerando-se que as mercadorias se compram e se vendem por seu valor, que a transformação do capital-mercadoria em dinheiro ( $M' - D'$ ) e que parte do capital-dinheiro retorna à circulação do capital industrial, o qual representa valor-capital.

Considerando-se que a outra parte, já como dinheiro e representado pela mais-valia resultante do processo de produção, que se introduza na circulação geral de mercadorias fora da circulação do capital individual, ter-se-á a reprodução simples do capital industrial.



O capitalista irá utilizar  $d - \mu$  para comprar mercadorias para seu próprio consumo. A compra destas mercadorias não precisa ser feita necessariamente numa única oportunidade. O dinheiro então ficará entesourado e servirá de reserva para futuras compras. Neste caso, o ciclo  $d - \mu$  estará interrompido.

O capitalista, para usufruir da mais-valia inserida na mercadoria  $M'$ , ou seja,  $\mu$ , deverá, antes tudo, transformá-la em capital-dinheiro ( $D' = D + d$ ). Deste modo, na forma de mais-valia expressa monetariamente, o valor do capital poderá circular independente uma da outra.

Apenas quando o capital-mercadoria se realiza em capital-dinheiro ( $M' - D'$ ), é possível separar o valor-capital da mais-valia e seguirem circulações diversas. Considerando-se que  $d$  seja gasto como renda pelo capitalista, teremos duas circulações.  $M - D - M$  opera como circulação funcional do capital, enquanto  $\mu - d - \mu$  como circulação simples de mercadorias. (MARX: 1980, 68)

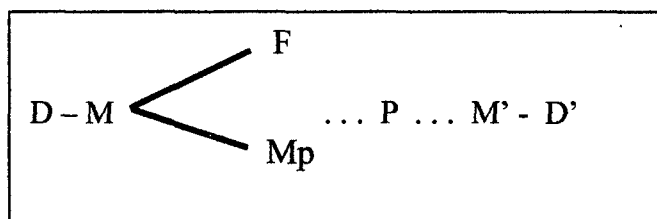
A mercadoria cristalizada em  $M'$  deverá ser transformada em capital-dinheiro antes que o capitalista possa retirar a mais-valia nela constante ( $\mu$ ). Ao realizar esta transformação, o capitalista, de posse da mais-valia agora transmutada em dinheiro, está em condições de entrar na circulação da renda a consumir e adquirir mercadorias. Entretanto,  $\mu$  nada custou ao capitalista; é a materialização do trabalho excedente oriundo

do ciclo do valor-capital. Se, por qualquer motivo este ciclo se interrompe, o capitalista deixa de aferir o resultado do trabalho excedente.

Em  $\mu - d - \mu$ , tem-se a circulação da renda de consumo do capitalista, entretanto, a primeira fase da circulação ( $\mu - d$ ) é considerada como circulação de capital tendo em vista que a separação do valor-capital  $M$  e da mais-valia  $\mu$  apenas se operam quando há a realização do capital-mercadoria em capital-dinheiro. (MARX: 1980, 70)

Ressalte-se que, mesmo que a mais-valia seja utilizada pelo capitalista na compra de mercadorias para o seu consumo ( $d - \mu$ ), este ato nada tem em comum com a metamorfose que ocorre quando o capitalista transforma capital-dinheiro em capital-mercadoria. Embora se utilize em ambos os casos de dinheiro para efetuar a circulação, no caso  $d - \mu$  existe apenas dinheiro que funciona como moeda, enquanto que em  $D - M$ , trata-se de dinheiro como expressão monetária do capital-dinheiro.

No primeiro ciclo do capital industrial, considerou-se que o objetivo do capitalista era o de realizar  $D \dots D'$ . O ponto de partida e o ponto de chegada eram o capital-dinheiro. No caso de  $D'$ , capital-dinheiro valorizado. Neste processo cíclico, o capital pelas seguintes fases:



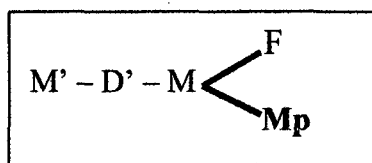
O capital-dinheiro adquire mercadorias na forma de força de trabalho e meios de produção. Inicia-se o processo de produção de mercadorias com valor excedente, resultado do trabalho não pago pelo capitalista à força de trabalho. Deste modo, o capitalista obtém mercadorias com valor acrescido, se comparado com o valor adiantado no início do processo ( $M'$ ).

Ao mesmo tempo em que o capitalista compra força de trabalho ( $D - F$ ), sob o prisma do trabalhador ocorre o curso contrário ( $F - D$ ). O capitalista utiliza seu direito de uso sobre a força de trabalho e o coloca imediatamente na produção de produtos que serão consumidos no futuro pelo próprio trabalhador.

“Assim, o trabalhador recebe no dinheiro com que é pago seu salário a forma transmutada de seu próprio trabalho futuro ou de outros trabalhadores. Com uma porção do trabalho passado, o trabalhador recebe do capitalista o direito ao próprio trabalho futuro. É o trabalho atual ou futuro que forma a reserva com que se paga seu trabalho passado. Desaparece inteiramente a idéia de constituição de um fundo”. (MARX: 1980, 73)

No ciclo do capital-mercadoria, o capital-dinheiro tem existência transitória.

Observe o esquema abaixo:



O capital-dinheiro muda duas vezes de posição e passa a servir apenas para novamente se transformar em mercadoria. Dessa forma, serve como meio de compra e pagamento. Ao realizar esta função, o capital-dinheiro serve apenas para que o capital-mercadoria se converta em capital produtivo. (MARX: 1980, 73)

O capital-mercadoria e capital-dinheiro precisam continuamente e o mais rápido possível se transformar em capital produtivo. Na forma de mercadoria, ele precisa transformar-se em capital-dinheiro rapidamente para expressar a sua valorização. Na forma de força de trabalho ou meio de produção, é necessário adentrar ao processo de produção e se transformar em capital produtivo para poder novamente ser valorizado. Na forma de dinheiro, o capital precisa transmutar-se em mercadorias, força de trabalho e meios de produção para que possa entrar no processo produtivo.

O capital industrial, na forma de capital-dinheiro ou capital mercadoria, interrompe o processo de produção e, por conseguinte, deixa de se valorizar. (...) *“Mais uma vez importa observar que  $D - F$  é mais do que simples troca de mercadorias; é compra de uma mercadoria  $F$  destinada a produzir mais-valia, do mesmo modo que  $D - Mp$  é meio materialmente imprescindível para a consecução desse objeto”* (MARX: 1980, 74-75).

O ciclo do capital produtivo determina que o capital industrial almeje estar sempre comprando força de trabalho para que se obtenha a valorização. O processo contínuo de produção de mercadorias resulta em imenso volume de mercadorias e independente da lei da oferta e procura que a economia política acredita ser o regulador da produção. Neste processo, não importa ao capitalista qual mercadoria será produzida, o que de fato interessa é que o capital-dinheiro e o capital-mercadoria assumam, o mais rápido possível, o papel de capital produtivo.

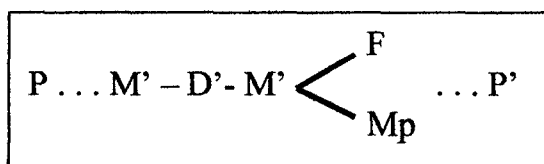
Depreende-se assim que a massa de mercadorias suplanta a capacidade de sua absorção por parte dos trabalhadores. O valor salário pago à força de trabalho é menor que o valor acrescentado pelos trabalhadores e materializado na mercadoria. O capitalista beneficiário desta mais-valia tem dificuldades em transformar o capital-mercadoria em

capital-dinheiro e, deste modo, o ciclo é interrompido. Esta é gênese das crises de superprodução.

No caso da reprodução simples, em que toda a mais-valia aferida pelo capitalista transforma-se em consumo individual, ainda que não imediato, a interrupção do ciclo do capital produtivo é menos visível.

A ampliação da massa de mercadorias faz com que se acirre a concorrência entre os capitais-mercadorias. Os capitalistas que detêm mercadorias que não sejam passíveis de transformarem-se em capital-dinheiro tornam-se insolventes e são obrigados a vendê-las a qualquer preço. A circulação das mercadorias se interrompe, e o capital-dinheiro existente não se transforma em capital produtivo e entesoura. O capital-dinheiro transforma-se em capital improdutivo. (MARX: 1980, 76-78)

Na reprodução em escala ampliada do capital, a mais-valia realizada se incorpora em todo ou em parte ao ciclo do capital produtivo. A formula proposta por Marx é a seguinte<sup>7</sup>:



A transformação da mais-valia realizada em capital produtivo excedente não pode ocorrer de forma arbitrária. Os limites são estabelecidos pelas condições de ampliação da escala de produção. A mais-valia que fica impedida de entrar novamente no ciclo de valorização do capital produtivo transforma-se em capital-dinheiro latente e se entesoura. Esta condição contradiz o processo de produção capitalista, que é determinado pela obrigação de aumentar o valor-capital para poder se conservar como capitalista.

A produção da mais-valia em quantidade progressiva enriquece o capitalista continuamente. Antes de ser necessidade pessoal à acumulação de capital é fator imprescindível para sobrevivência do capitalista.

O ciclo do capital-dinheiro expressa que o dinheiro gera dinheiro, valor que gera valor e produz mais-valia. O ciclo do capital produtivo demonstra como se capitaliza a mais-valia produzida.

O valor-capital e a mais-valia criada são proporcionalmente expressos na forma dinheiro (D + d) relacionada à forma mercadoria (M + μ.). Esta proporção não é

<sup>7</sup> P' = Capital produtivo acrescido.

determinada pelas propriedades do dinheiro, nem tampouco da mercadoria produzida, reveste-se da expressão do resultado do valor que se valoriza e é capitalizado no ciclo do capital produtivo. (MARX: 1980, 83-84)

A aplicação da mais-valia no ciclo do capital produtivo tem alguns pressupostos. Atingir a magnitude necessária para ser aplicada na ampliação do mesmo negócio ou ainda na constituição de um novo estágio a ser vencido pelo capital.

A acumulação de mais-valia nem sempre permite a sua imediata incorporação ao ciclo do capital produtivo. O resultado é o entesouramento deste capital-dinheiro. Durante algum tempo, enquanto está entesourado, não participa do processo de valorização de capital e, portanto, não funciona como capital.

Em algumas ocasiões, existem dificuldades para o capital-mercadoria, acrescido de mais-valia, se realizar em capital-dinheiro valorizado ( $M' - D'$ ) ou ainda, o valor para compra de meios de produção e força de trabalho aumentarem no mercado. Neste caso, o capital-dinheiro entesourado pode ser utilizado como fundo de reserva. (MARX: 1980, 85)

Quando o capitalista encontra-se em alguma dificuldade ou precisa manter uma reserva para fazer frente a uma grande compra, o fundo de reserva tem papel importante no processo de valorização do capital.

A economia clássica parte do estudo do ciclo do capital produtivo para observar o processo cíclico do capital industrial.

A fórmula geral do capital produtivo é a seguinte: (MARX: 1980, 86)

$$P \dots \overbrace{M' - D'}^1 - \overbrace{D - M}^2 \begin{cases} F \\ M_p \end{cases} \dots P (P')$$

Considerando-se que o capital produtivo no início do ciclo seja igual no final ( $P = P'$ ), então o capital-dinheiro aplicado contém mais-valia e teremos a opção 2. Se o capital produtivo for mais ao final do ciclo em relação ao início, o capital-dinheiro, acrescido de mais-valia, se transformou total ou parcialmente em capital produtivo. (MARX: 1980, 87)

## 4 - O Ciclo do Capital-Mercadoria

Karl Marx, no Capítulo III, do Livro 2 de “O Capital”, deduz a fórmula geral do ciclo do capital-mercadoria:

$$M' - D' - M \dots P \dots M'$$

A fórmula do capital-mercadoria se difere das anteriores porque o ciclo é aberto por duas fases opostas. Ao mesmo tempo, desaparecem as formas em que foram produzidos capital-dinheiro acrescido de mais-valia e capital produtivo acrescentado.

Na mercadoria, já se encontra materializado o valor-capital acrescido de mais-valia. Quando o ciclo do capital-mercadoria se conclui, se a mercadoria tem valor-capital idêntico ao do início do processo, temos a reprodução simples do capital. Caso contrário, houve reprodução ampliada do capital industrial. (MARX: 1980, 89)

O capital-mercadoria já, desde seu nascimento, é composto por valor-capital, acrescido de mais-valia. Deste modo, pode o capitalista determinar a composição do capital-mercadoria através do capital adiantado na forma de meios de produção e força de trabalho, acrescido de mais-valia. Escrito de outro modo, pode-se dizer que o valor do capital-dinheiro é composto pela fórmula  $c + v + m^8$ . (MARX: 1980, 91)

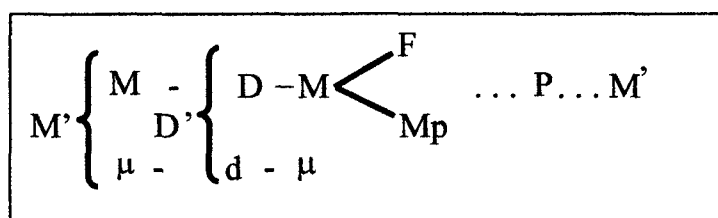
Para que o ciclo do capital-mercadoria possa ser possível, faz-se necessário que toda a mercadoria produzida seja consumida produtivamente pelo capitalista ou individualmente pelo trabalhador. O consumo individual transforma-se em ato social, do qual não participa o capitalista, exceto quando necessário para a existência do capitalista individual. (MARX: 1980, 95)

Em todas as fases do ciclo do capital-mercadoria, o consumo das mercadorias está presente. Qualquer paralisação do consumo significa interrupção no ciclo do capital-mercadoria e, portanto, estancamento da valorização do valor. O capital-mercadoria resulta da transformação por que passaram a forma de uso e o valor das mercadorias componentes do capital produtivo.

---

<sup>8</sup> Onde  $c$  = capital constante na forma de meios de produção,  $v$  = capital variável na forma de força de trabalho e  $m$  = mais-valia.

Existem duas possibilidades para que o capital-mercadoria saia do ciclo de valorização. Quando se encontra na forma, é mercadoria que aguarda ser transformada em dinheiro (M'), ou ainda, quando se transforma em meio de produção e não foi aproveitada no processo produtivo. Neste caso, compreende-se como meio de produção os prédios e máquinas em poder do capitalista e que são consumidos produtivamente de uma forma muito lenta. Observe-se a formulação a seguir:



A mercadoria domina o modo de produção capitalista ao ser a sua base. Para tanto, toda a mercadoria deve ser capital-mercadoria e estar em condições de ser vendida. (MARX: 1980, 98)

O movimento do ciclo do capital-mercadoria é composto pela soma de todo o capital industrial individual isolado, transformando-se, assim, em capital global da classe capitalista. A produção anual das mercadorias realizada por um país movimenta toda a massa de mercadorias que, em parte, são consumidas pelas diferentes classes sociais, enquanto outra parte é de reposição do capital produtivo. Deste modo, o valor-capital e a mais-valia fazem crescer o capital social a cada novo ciclo.

Cada novo ciclo do capital-mercadoria prepara o próximo com a incorporação contínua da mais-valia ao promover o crescimento da produção ampliar a produção de capital que se materializa em capital adicional.

## 5 - As Três Figuras do Processo Cíclico

No Capítulo IV, do Livro 2 de “O Capital”, Karl Marx denomina de C o processo total de circulação e apresenta as três figuras do processo cíclico:

- I. D – M . . . P . . . M' – D'
- II. P . . . C . . . P
- III. C . . . P (M')

Todas as formas têm o mesmo ponto de partida e de chegada. Em todos os ciclos, o que o capital busca é a sua valorização. Entre o processo de produção e circulação existe absoluta conectividade, sendo um pressuposto do outro nas diferentes fases cíclicas. O capital industrial desempenha todos os papéis. Ora é capital-mercadoria, ora capital-dinheiro, ora capital produtivo.

A criação de mais-valor é o fator propulsor do processo, como um todo, nas três formulas propostas. A continuidade do processo global se realiza devido à unidade dos três ciclos. O crescimento do valor é determinado pelo caráter social da relação entre as classes. Todo o processo da produção de mercadorias se baseia no trabalho assalariado. (MARX: 1980, 107)

Os movimentos do capital que assumem diversas formas para se valorizar, deste modo, crescem em sua magnitude. O capitalista compra meios de produção e força de trabalho e, ao mesmo tempo, vende mercadorias. As ações desempenhadas pelo capitalista industrial individual devem ter, como primeiro objetivo, a valorização do seu capital de maneira que não sucumba às exigências de formação do valor. (MARX: 1980, 107)

A todo o momento, o capitalista compara a magnitude do capital primitivo ao resultado obtido a cada novo ciclo. O desenvolvimento do processo de produção capitalista obriga que haja acréscimos progressivos na magnitude do capital, de modo que a valorização constante é exigência a ser observada a cada novo ciclo.

Se houver queda dos valores dos meios de produção e força de trabalho, o montante de capital necessário para realizar a circulação decresce. Ao contrário disso, um súbito aumento do valor destas mercadorias levará o capitalista a despende maiores



quantidades de capital. A velocidade com que se realiza a circulação do capital influi na sua magnitude. Quanto maior a velocidade da circulação, menor capital empregado e vice-versa. (MARX: 1980, 110-112)

As mercadorias passam a ser capital industrial na forma de capital produtivo tão logo saem da esfera da circulação. A produção capitalista procura transformar todas as formas de produção existentes e produção de mercadorias. O capital industrial destrói todos os produtores diretos e os transforma em trabalhadores assalariados.

Todas as mercadorias que entram no processo de circulação do capital industrial, não importando a sua origem, assumem a forma de capital-mercadoria. O modo capitalista visa à produção em alta escala, o que ocasiona venda de mercadorias em grandes quantidades. Deste modo, o capital mercantil ou comercial se desenvolve e se subordina aos ditames do capital industrial. (MARX: 1980, 113)

“Na relação entre capitalista e assalariado, a relação monetária passa a ser relação entre comprador e vendedor, relação imanente à própria produção. Esta relação repousa fundamentalmente sobre o caráter social da produção e não sobre modo de troca; este decorre daquele; A concepção burguesa, ao colocar os negócios em primeiro plano, não vê o caráter do modo de produção a base do correspondente modo de troca ou circulação sustentando o oposto.” (MARX: 1980, 119)

A produção de mercadorias é a forma geral da produção capitalista. Isto acontece porque a força de trabalho é mera mercadoria que deve ser vendida pelo custo da sua subsistência, de forma que seja garantida a sua reprodução. A relação entre o capital variável e o capital global determina a procura por força de trabalho ( $v : C$ ). O capital industrial se valoriza muito mais rapidamente que a massa salarial destinada aos trabalhadores. Deste modo, a demanda por força de trabalho é decrescente, enquanto a procura pelos meios de produção se acelera. (MARX: 1980, 120)

O capitalista coloca na circulação menos valor do que retira. Portanto, os valores destinados à força de trabalho para consumo dos meios de subsistência são menores do que a soma dos valores das mercadorias existentes. Deste modo, ocorrem crises cíclicas de super produção, as quais destroem as forças produtivas representadas pelos capitalistas mais fracos, que não detêm a magnitude de capital exigida para sua sobrevivência. Os níveis de produção caem e a força de trabalho é expelida do processo de circulação.

O capitalismo, que desenvolveu as forças produtivas da humanidade em níveis inimagináveis, mostra agora as suas contradições insuperáveis e trava o progresso da humanidade.

## 6 – Conclusão

Da leitura dos primeiros quatro capítulos do livro 2, de “O Capital”, escrito por Karl Marx, há cerca de 140 anos, percebe-se, desde logo, o quanto o autor se aprofundou no estudo do modo de produção capitalista. A escrita apresenta-se condensada, o raciocínio complexo, a metodologia irrepreensível que constrói e destrói as categorias, ao mesmo tempo em que insere a materialidade construída pela humanidade ao longo do tempo dentro do seu contexto histórico.

Para compreender em toda extensão o trabalho de Marx, é necessário, antes tudo, ter a paciência e sagacidade de olhar os movimentos que os homens realizaram para acumular as riquezas que hoje se encontram concentradas na mão da burguesia e que o autor teoricamente nos transmite.

Quando o livro 2 de “O Capital” foi editado por Friedrich Engels, amigo, confidente e compartilhador das idéias de Marx, o autor já havia falecido. Manuscritos esparsos, notas perdidas em vários cadernos, resultado da dura vida de Marx foram recolhidos por Engels e organizados da melhor maneira possível. O resultado é uma obra que, por certo, não possui a mesma fluidez encontrada no livro 1 de “O Capital”. Entretanto, os temas abordados não apenas aprofundam a Crítica da Economia Política, mas vai muito além, ao mergulhar no processo de acumulação capitalista, dissecando as suas fases, analisando o modo de produção, que tem por base a mercadoria força de trabalho como fator de valorização do valor.

“Sob a forma dinheiro, o capitalista lança menos valor na circulação do que dela retira e, sob a forma mercadoria, lança na circulação mais valor que dela retira. Enquanto personifica apenas o capital, funcionando como capitalista industrial, sua oferta de valor-mercadoria é sempre maior que sua procura. A igualdade entre ambas equivaleria à não valorização de seu capital que não teria funcionado como capital produtivo. Êste teria se transformado em capital-mercadoria que não estaria enriquecido de mais-valia; durante o processo de produção, não teria extraído da força de trabalho mais-valia sob a forma de mercadoria, não teria de maneira alguma funcionado como capital. O capitalista tem realmente de vender mais caro o que comprou”, mas só consegue isso porque, através do processo de produção capitalista transforma, a mercadoria mais barata, de menor valor que adquiriu em mercadoria de maior valor, mais cara. Vende mais caro não por vender sua mercadoria acima do valor, mas por estar o valor de sua mercadoria acima do valor global dos elementos de sua produção” (MARX: 1980, 119).

Os ciclos do capital-dinheiro, do capital produtivo e do capital-mercadoria expressam as diversas metamorfoses em que o capital industrial é obrigado a assumir para

realizar o seu objetivo: a valorização através da realização da mais-valia. Os três ciclos se conectam, se sucedem, ora assumindo uma fase, para em seguida abandoná-la continuamente, inexoravelmente.

O capital industrial vai progressivamente destruindo as várias formas antigas de produzir, subordina o dinheiro e as mercadorias ao seu modo de produção, às suas próprias regras. A mercadoria valorizada pela mais-valia é a aparência do capital-mercadoria e, ao mesmo tempo, sua unidade de valor e mais valor. O capital almeja estar sempre na forma de capital produtivo, fase em que realmente se cria mais valor. Entretanto, é na forma de capital-dinheiro que o capital realiza a mais-valia, sendo a forma visível em que se expressa o valor-capital.

Antes que o modo de produção capitalista se transformasse em hegemônico, o dinheiro e as mercadorias já eram produzidos historicamente pela humanidade. Mas, em nenhum caso, a mercadoria força de trabalho era força motriz dos processos de acumulação de riquezas anteriores ao capitalismo. O capital não produz apenas mercadorias e mais-valia. O principal feito é reproduzir as relações sociais; possuidores e não possuidores de meios de produção. Aos primeiros, é permitida a compra de força de trabalho para sua utilização no processo produtivo. Aos trabalhadores, só resta vender a sua força de trabalho recebendo em troca os meios de subsistência que permitam a sua reprodução. Até quando?

**7 - Referências Bibliográficas**

- AVILA BERNI, D (1997). Técnicas de Pesquisa em Economia. 1ª ed. Florianópolis: Editora Ganges. 255
- MARX, K. (1980). O Capital. Crítica da Economia Política, livro 2, volume 3. 3ª.Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 578
- \_\_\_\_\_ ( 1985) . O Capital. Crítica da Economia Política, livro 1, volume 1. 10ª.Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 578
- \_\_\_\_\_ ( 1978) . O Capital. Livro 1 – Capítulo IV (Inédito). 1ª .ed. São Paulo: Livrarias Editora Ciências Humanas Ltda. 150
- MARX, K. & ENGELS, F. (1998). Manifesto Comunista. Org.Osvaldo Coggiola. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial. 255